

## O OURO DA FRONTEIRA

Era uma sexta-feira, final de tarde. Após longas horas de viagem – cuja duração foi aumentada pela expectativa – estava quase chegando à minha nova terra. Sentia um frio na barriga antes de olhar para a cidade que seria o meu novo lar, como aquele que sentimos na subida da montanha-russa, antes da primeira queda. “Independentemente da minha primeira impressão a respeito do lugar, agora não posso mais voltar atrás” – pensei. Eu nem imaginava quão ricas seriam as experiências que viveria!

Ao passar pela Estação Ecológica do Taim e observar as capivaras andando livres e soltas, fiquei bastante animada, pois adoro o contato com a natureza. Avistar aves marinhas promoveu em mim a mesma sensação que os navegadores têm quando alcançam a terra firme, após dias perdidos no mar. No meu caso, embora a sensação de felicidade fosse a mesma, a causa era oposta: após 4 anos vivendo no interior, aquelas aves representavam a chegada ao litoral. Mar à vista! Para quem nasceu e foi criada numa ilha, o mar faz muita falta!

Cheguei à Inspetoria da Receita Federal do Chuí e apresentei-me aos colegas: “Olá pessoal! Eu sou aquela doida que pediu remoção para cá! Estou muito feliz por ter conseguido!”. Diante das fisionomias de quem não entendia a minha alegria, emendei: “Antes de decidir vir para cá, fiz uma lista de prós e contras. Encontrei incríveis 16 motivos para vir!”. Um colega, conhecido pelo seu bom humor, logo exclamou: “Então traga a sua lista aqui e pendure na parede para motivar a gente!”. Todos riram. Eu tinha certeza de que ele estava brincando, pois havia tentado fazer permuta com alguém do Chuí e ninguém quis trocar comigo. Eu já desconfiava que esse lugar tinha algo de especial.

Mudei-me para cá de mala e cuia. Minto. Deixei para comprar a cuia aqui e até hoje sou uma parasita dos chimarrões alheios. Na contramão de quase todos os colegas, moradores da cidade vizinha, decidi residir no Chuí mesmo. Queria viver a experiência da fronteira, morar em cima da linha divisória entre os dois países. Também queria viver a experiência de morar numa cidade pequena, praticamente na zona rural. Preparar o jantar ouvindo um cavalo relinchar embaixo da sua janela, não tem preço! A paz que eu sinto aqui é tão grande que eu já me esqueci completamente da tenebrosa noite em que matei 127 mosquitos com a raquete elétrica. Oh, vida bucólica! Aceito doações de lagartixas.

Mas não apenas milhões – quiçá bilhões – de insetos habitam essa terra. Também há pessoas por aqui, e é encantador observar como as culturas se misturam. Brasileiros e uruguaios compartilham diversos hábitos, como o chimarrão e o churrasco. Quase todos os nativos do Chuí são bilíngues, ou melhor, falam uma única língua: o portunhol. É engraçado ver brasileiros falando palavras em espanhol pensando falar português e vice-versa. Além disso, ainda existe uma influência da língua árabe no sotaque do chuiense, devido à grande quantidade de imigrantes de diversas nações do Oriente Médio.

Por falar em árabe, um dos primeiros atendimentos realizados por mim foi de um jovem refugiado Palestino, recém-chegado ao Brasil. Ele necessitava fazer o seu CPF para procurar um emprego. Veio acompanhado de um primo mais velho, também palestino, que atuou como intérprete. O rapaz me olhou como se eu fosse uma alienígena – o que não deixa de ser verdade, visto que eu de fato pertenço a outra terra, diferente da dele. Talvez tenha lhe causado estranheza o simples fato de eu não estar com os cabelos cobertos por um véu. Mas, do jeito que ele me olhou, tive vontade de me enfiar numa burca!

Como eu não perco a oportunidade de aprender algo novo conversando com pessoas de culturas distintas, aproveitei para bombardear os árabes com perguntas a respeito do tratamento dispensado às mulheres na sua cultura. Fiquei impressionada com as respostas lógicas e razoáveis daquele senhor e ainda mais com a forma como me tratou. Eu não pensava ser possível conversar com um homem islâmico bem mais velho do que eu – pois essas características, para mim, personalizavam o machismo – sobre assuntos polêmicos como o uso da burca e a poligamia e ainda ser tratada mui respeitosamente como um ser pensante. A conduta daquele senhor me ajudou a

superar muitos preconceitos.

Senti-me à vontade, inclusive, para lhes confessar o meu temor em relação aos árabes. Afinal, se eu acreditar em tudo o que dizem os noticiários televisivos, corro o risco de rotulá-los todos como terroristas. Ele me esclareceu em relação a isso e citou a atuação da mídia como disseminadora do temor, fato com o qual eu concordo plenamente. Pensar que todos os árabes são ruins por causa do Estado Islâmico é tão absurdo quanto pensar que todos os alemães são ruins por causa do Nazismo. Esse segundo equívoco eu nunca cometi, pois sou descendente de alemães. Mas então por que cometia o primeiro? Certamente, por desconhecimento. Fiquei feliz por superar, em parte, a limitação imposta pela minha própria ignorância.

Ao realizar a inscrição no CPF, observei que os dois ficaram emocionados quando eu selecionei a Palestina na lista de países constantes no cadastro da Receita Federal – aqueles cuja soberania o Brasil reconhece. Relataram-me que, antigamente, os refugiados palestinos vinham até a RFB fazer o seu CPF e eram obrigados a informar como país de origem o Estado de Israel. Isso significava uma grande humilhação para eles, pois vieram ao Brasil justamente para fugir das investidas israelenses contra o povo palestino. Tudo o que eles mais queriam era poder dizer que pertenciam ao Estado da Palestina, motivo pelo qual emocionaram-se ao verem essa opção na lista. Depois desse episódio, encontrei-os algumas vezes na rua e constatei que o novo imigrante está se adaptando muito bem ao modo de vida ocidental.

Noutro dia, sentou-se à minha mesa uma jovem senhora uruguaia. Distinguiu-se, ante meus olhos, pela polidez no trato e o impecável domínio da língua portuguesa. Desejava obter um número de CPF porque havia decidido transferir-se definitivamente para o Brasil, acompanhada de seus familiares. Relatou ser chefe de família, sustentando sozinha a mãe, já idosa, e o filho pequeno. Era proprietária de uma empresa em Montevidéu, na qual frequentemente trabalhava até quatorze horas por dia. Porém, ainda assim, não conseguia cumprir todas as exigências das leis trabalhistas e fiscais do Uruguai. Por essa razão, desistiu de viver em seu país.

Seu relato tocou-me profundamente na alma. Recordei de uma canção composta pelo genial artista uruguai Jorge Drexler: “Um sonho e um passaporte / Como as aves, migramos para o norte”. Não lhe adverti que no Brasil ocorre semelhante situação porque não quis desanimá-la. Apenas augurei-lhe sucesso, almejando que um dia sejam revistos alguns conceitos prejudiciais ao desenvolvimento do povo latino-americano, criativo e empreendedor por natureza. Embora a situação tenha me provocado comoção, senti gratidão por entender algumas das causas do problema e vislumbrar possíveis soluções. Além disso, fiquei admirada com a valentia daquela mulher, por decidir lutar em vez de vitimizar-se. Que sirva de exemplo para todos nós.

Tanto no atendimento a tributos internos quanto no plantão aduaneiro pude ter contato com pessoas das mais diversas nacionalidades, profissões e perfis psicológicos. Conheci um casal britânico que estava dando a volta ao mundo num carro de pelúcia branca com bolinhas pretas; um mochileiro alemão que já havia passado por mais de 100 países; um antropólogo uruguai que viveu com tribos indígenas em Roraima; um médico cubano do programa Mais Médicos, que relatou aspectos sombrios da triste realidade de Cuba; um senhor argelino que participou da sangrenta Guerra da Independência do seu país; uma professora vinculada à ONU que leciona português para os refugiados e ajuda-os a integrarem-se na cultura brasileira; um canadense alucinado por uma teoria da conspiração que me rendeu algumas gargalhadas; um norte-americano que pensava que a solução dos problemas do mundo era jogar uma bomba no seu próprio país etc...

O atendimento ao contribuinte é uma das áreas mais interessantes para se trabalhar dentro da Receita Federal. Talvez seja a que mais exija de nós emocionalmente e, por isso mesmo, ajuda-nos a desenvolver a inteligência emocional. Quando atendo a um contribuinte furioso e consigo acalmá-lo a ponto de ele me agradecer ao ir embora, sinto como se tivesse realizado uma mágica. Não seria essa uma espécie de alquimia, conseguir mudar o estado emocional da outra pessoa, ajudando-a a pensar de forma mais útil e proveitosa? Não é fácil; entretanto, quando eu consigo, sinto-me muito satisfeita.

Mas não apenas no trabalho ocorrem fatos excêntricos. Logo nos primeiros dias morando no Chuí, precisei ir ao comércio comprar um determinado produto. Entrei numa loja e um senhor me

atendeu de forma bastante grosseira, praticamente me expulsou lá de dentro ao constatar não possuir o tal produto. Caminhei até a loja ao lado, cuja aparência era de recém-inaugurada, e fui muito bem atendida por um rapaz. Relatei a forma como havia sido tratada e o rapaz me contou que aquele senhor estava desesperado por perder muitos dos seus antigos clientes para o novo concorrente. Ele também disse que, outro dia, apareceu na frente da sua loja uma macumba com direito a galinha preta, velas e um caminho de farofa em direção à outra loja. O caminho de farofa tinha a função de roubar os seus clientes. Morri de rir da situação e comentei que teria me tornado cliente daquele senhor se ele tivesse me tratado com mais urbanidade!

Mais tarde, ao chegar a casa e pensar sobre essa vivência, extraí dela algumas importantes reflexões: eu ri das crenças daquele senhor, pois no meu ponto de vista elas atrapalham a sua vida. Mas quantas crenças e superstições limitantes eu devo ter que podem ser motivo de chacota para terceiros? Como fazer para eliminá-las? Será que aquele senhor é realmente tão rude quanto me pareceu, ou estava apenas num momento ruim? Eu mesma já deixei de atender a um cidadão com toda a cortesia devida só porque eu não estava tendo um bom dia. Eu gostaria de ser julgada por uma atitude isolada?

Meses depois, buscando ser mais justa na apreciação da conduta dos meus semelhantes, retornei àquele estabelecimento comercial. Aquele mesmo senhor, que provavelmente não se recordava de mim, foi muito simpático e prestativo. Ele havia conseguido superar a crise e recuperar o seu negócio. A loja havia sido reformada, estava mais bem organizada e possuía novos produtos. Fiquei contente por mudar o conceito negativo que eu tinha formado a respeito dele. Hoje sou sua cliente.

Muita gente pensa que morar na fronteira ou trabalhar no atendimento ao contribuinte não são boas opções. Mas qualquer experiência pode se tornar extremamente rica, dependendo da forma como a encaramos. A nossa postura diante dos pequenos acontecimentos do cotidiano pode contribuir consideravelmente para a nossa felicidade. Nunca devemos perder aquela motivação de criança, que sempre busca aprender coisas novas e se encanta ao compreender um pouco mais sobre o mundo. A gratidão por todos os pequenos momentos vividos permite-nos guardá-los na memória, como se fossem pequenos retalhos de pano. Com esses retalhos, podemos fazer uma colcha para nos aquecer nos momentos frios da vida. Valorizar as pequenas porções de felicidade com as quais a vida brinda-nos todos os dias e fixá-las na consciência por meio da gratidão é uma das chaves para uma vida mais feliz.